



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**PROGRAMA PENSE, PESQUISE E INOVE A UFBA**  
**RELATÓRIO PROUFBA**  
**PESQUISA COM EGRESSOS (antigos)**

## **INTRODUÇÃO**

O estudo com egressos, de forma sistemática e contínua, pode ser um instrumento fundamental de avaliação da efetividade da utilização dos recursos aplicados nos programas de formação, possibilitando, posteriormente, sua melhoria. Segundo Lordelo&Dazzani(2012), o sistema de acompanhamento de egressos “talvez seja o mais poderoso e informativo meio para entender a eficácia de um programa”, verificando, a partir da inserção no mercado de trabalho, o nível de apropriação de conhecimentos, habilidades e técnicas que deveriam ter sido oferecidos pelo programa educativo. Afinal, é o produto que credencia uma universidade como boa, “se existem excelentes egressos, existe uma excelente universidade. Os egressos são a universidade viva e atuante” (Hoyos, 1998, citado por Ferreira, 2011).

Uma universidade que se preocupa com o acompanhamento sistemático de seus egressos possui uma consciência crítica e uma capacidade de investigar, questionar e propor novos planejamentos e soluções, possibilitando a realização plena da sua função social. Para Machado (2010), este sistema é uma fonte de informação gerencial permitindo a tomada de decisões sobre o planejamento dos cursos, arranjos didáticos pedagógicos e modalidades formativas com impacto direto na construção das múltiplas identidades profissionais. Assim, o papel da universidade está para além de “simples repassadora de conhecimento dando importância à real razão de sua existência: seus acadêmicos” (Ferreira, 2011).

Os estudos sobre transição escola-trabalho estão mais voltados para o mapeamento das questões socioeconômicas da inserção no mundo do trabalho do que para as questões de ordem psicológicas, verificando-se uma lacuna na investigação de variáveis psicossociais envolvidas neste processo (Vieira & Coimbra, 2006b). No entanto, ao realizar uma definição compreensiva de transição adaptativa para o mundo do trabalho, provavelmente outras

perspectivas, além da psicológica, serão englobadas, como: organizacional, econômica e social (Blustein e colaboradores, 1997, citado por Vieira & Coimbra, 2006b).

Considerando que a transição da universidade para o trabalho requer estratégias e habilidades de adaptação por parte dos jovens (Murphy, Blustein, Bohlig&Platt, 2010), é fundamental que haja estudos que aprofundem o conhecimento acerca dos aspectos objetivos (observável, mensurável e verificável) e subjetivos (somente experienciados diretamente pelo egresso) da transição escola-trabalho. Além disso, Vieira e Coimbra (2004, citado por Gouveia 2011), apontam dois fatores facilitadores deste processo: individuais (competências de relacionamento interpessoal, autonomia, exploração individual e flexibilidade ou capacidade de adaptação ao meio) e contextuais (percepções do indivíduo sobre o trabalho, o seu bem-estar e o apoio que recebe).

Para se alcançar uma compreensão mais ampla das reais contribuições da formação universitária ao desenvolvimento dos indivíduos, é necessário ampliar o conhecimento acerca da última transição que o estudante faz na universidade, a transição para o trabalho. Segundo Marcovich,

Pensava-se, que a responsabilidade da universidade se iniciava na inscrição do vestibular e acabava na entrega do diploma. Isso é um grande erro. A universidade deve mobilizar seus ex-alunos, a partir de um determinado período de convivência no mercado de trabalho (1998, citado por Ferreira, 2011).

Portanto, o objetivo geral deste estudo é avaliar a inserção profissional e o impacto das experiências acadêmicas sobre o processo de inserção dos egressos dos diversos cursos oferecidos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) no mercado de trabalho.

## **MÉTODO**

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo survey, de natureza descritiva e de caráter transversal, utilizando uma abordagem quantitativa para análise dos dados.

### **Participantes**

A amostra é constituída por 1880 estudantes egressos do ano de 2011 dos curso de graduação da UFBA, sendo 42,88% do total de estudantes contactados. Estes foram identificados com base nas informações do sistema acadêmico (SIAC) da universidade, sendo 50,6% do sexo feminino e as faixas de idade igual a: de 20 a 24 anos (27%); de 25 a 29 anos (52,1%); de 30 a 34 anos (11,9%); e 35 ou mais (9%).

Na Figura 1, apresenta-se a distribuição de acordo com a área de graduação (incluindo 60 cursos). Com 30,8%, a área de Filosofia e Ciências Humanas tem maior porcentagem devido principalmente aos cursos de Direito e Administração. No entanto, os resultados serão apresentados sem uma separação entre as áreas/cursos, objetivando ter uma visão geral de todos os estudantes da UFBA sobre a formação recebida.

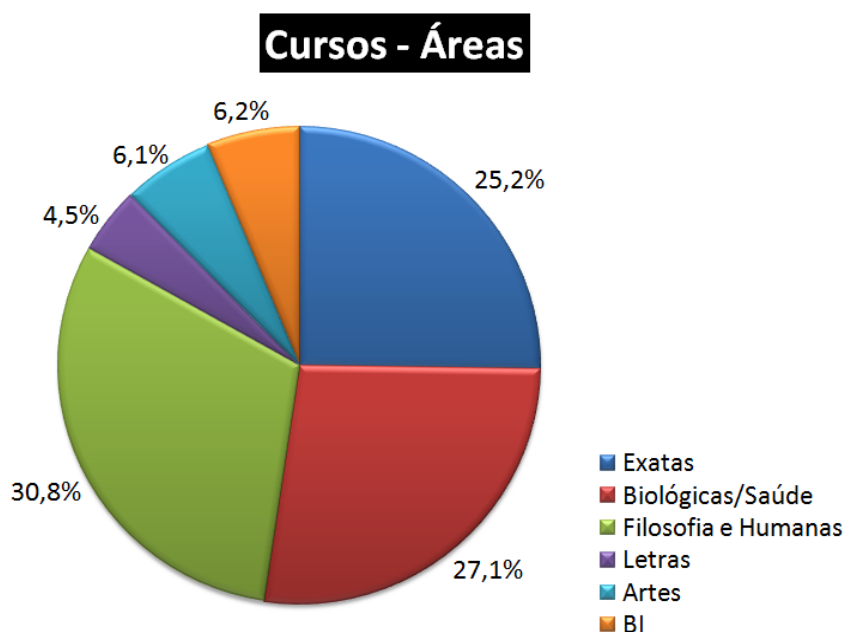


Figura 1: Distribuição dos egressos de 2011 da UFBA de acordo com a área de graduação.

## Procedimentos

No que diz respeito aos procedimentos deste estudo, os dados de contatos dos egressos, inclusive email, foram recuperados dos sistemas da universidade. Cada egresso foi contatado diretamente e convidado a participar da pesquisa. Ao longo de um período de mais ou menos 1 mês (maio/abril de 2013), todos aqueles que não responderem ao questionário (ou responderam de forma incompleta) receberam, periodicamente, uma mensagem nominal lembrando da importância de participação na pesquisa. Os dados foram coletados via

aplicação de um questionário online desenvolvido na plataforma surveymonkey. Este sistema de coleta de dados oferece a opção de não receber mais convites para participar da pesquisa, garantindo a participação livre e voluntária durante todo o processo.

## Instrumentos

Utilizou-se um questionário fechado desenvolvido pela Comissão de Avaliação e Desenvolvimento Institucional, o qual teve como base o questionário aplicado em uma pesquisa com egressos dos Bacharelados Interdisciplinares da universidade no início do ano de 2012. O questionário foi dividido em quatro blocos: 1) Dados sociodemográficos; 2) Formação; 3) Transição e 4) Inserção no Mercado de Trabalho.

## RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com a seguinte divisão: 1) Formação; 2) Transição; e 3) Inserção no Mercado de Trabalho.

### Formação

A Tabela 1 apresenta os resultados da disponibilidade de tempo dos egressos durante o curso. A escala variava de 1 (“Trabalhei durante todo o curso”) até 4 (“Dediquei-me completamente aos estudos durante o curso”). A média de respostas foi de 2,61, mas com um desvio padrão relativamente alto, para uma escala de 4 itens.

DISPONIBILIDADE NO CURSO	Frequência	Percentual	Média	Desvio Padrão
1- Trabalhei durante todo o curso	375	20,3	2,61	1,104
2 - Trabalhei durante a maior parte do curso	499	27,0		
3 - Trabalhei por pouco tempo durante o curso	444	24,0		
4 - Dedicção total	530	28,7		

Tabela 1: Disponibilidade de tempo durante o curso dos egressos de 2011 da UFBA.

Observado os dados, nota-se que a distribuição das respostas entre os itens foi bastante equilibrada, como pode ser melhor verificado na Figura 2. Em contrapartida, verifica-se que

71,3% trabalharam durante o curso, em diferentes proporções. Sobre esse perfil de estudantes de nível superior, COMIN & BARBOSA (2011) descrevem como “trabalhadores que estudam”, muitas vezes como uma forma de ampliar sua empregabilidade.

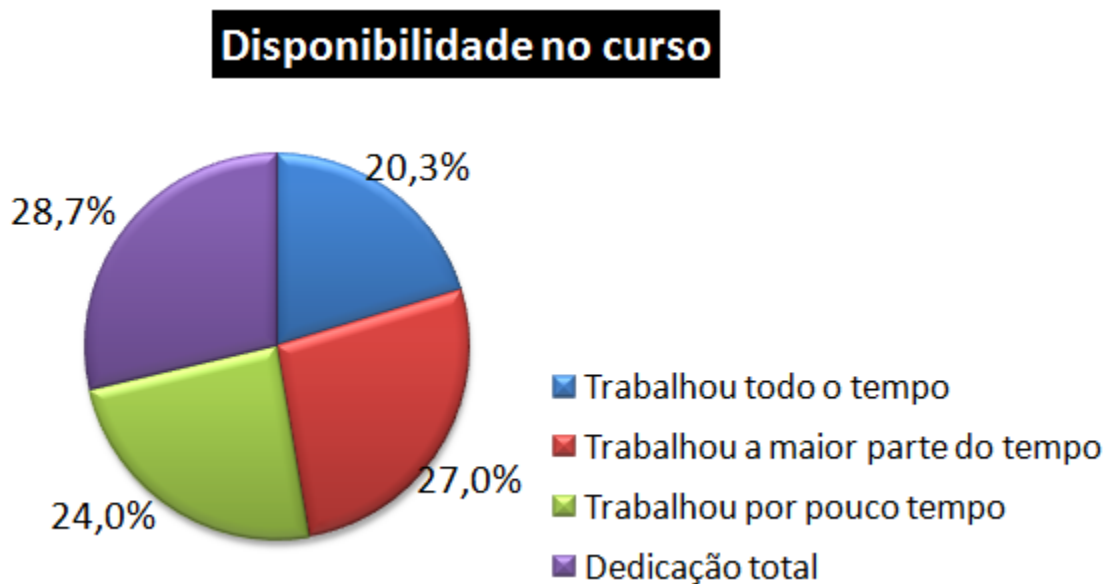


Figura 2: Disponibilidade de tempo durante o curso dos egressos de 2011 da UFBA.

Já com relação à participação em atividades extra-curriculares, a escala da questão variava de 1 (“Particpei o tempo todo”) a 5 (“Não participou”). A maioria afirmou que ‘Participou muito/ O tempo todo’ de eventos (35,4%) e de estágios extra-curriculares (40,8%). Em contrapartida, apenas uma significativa minoria relatou ter tido alguma participação em ACC (18,8%), monitoria (17,4%), Diretório Acadêmico (14%) e Empresa Júnior (5,5%), como é observado na Tabela 2. Mas, é necessário salientar que nem todos os cursos tem empresa júnior, o que deve estar influenciando este resultado, de maneira geral. Diante das disponibilidades de vagas para participar de projetos de pesquisas oferecidas pela UFBA, observa-se também que a porcentagem de pessoas que não participou ou participou pouco de iniciações científicas é muito grande (63,2%). Segundo Fior&Mercuri (2004) e Teixeira (2002), o envolvimento acadêmico é considerado como um fator muito importante para o sucesso na transição para o trabalho.

<b>ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES (escala de 1-5)</b>	<b>Maior avaliação (%)</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Eventos (congresso, seminário...)	Participei muito/ O tempo todo (35,4%) Razoavelmente (35,7%)	3,10	1,078
Estágios extra-curriculares	Participei muito/ O tempo todo (40,8%) Não participou/ Participou pouco (34,4%)	2,98	1,267
Cursos extra-curriculares ligados à profissão	Não participou/ Participou pouco (42,6%) Razoavelmente (33%)	2,73	1,079
Iniciação Científica	Não participou/Participou pouco (63,2%)	2,18	1,369
ACC	Não participou/Participou pouco (81,2%)	1,60	1,024
Monitoria	Não participou/Participou pouco (82,6%)	1,54	1,012
Diretório Acadêmico	Não participou/ Participou pouco (86%)	1,45	0,953
Empresa Júnior	Não participou/Participou pouco (94,5%)	1,18	0,678

Tabela 2: Participação dos egressos de 2011 da UFBA em atividades extra-curriculares.

Ainda sobre as atividades extra-curriculares, dos egressos que responderam que participaram de outra atividade não presente nos itens (6,8%), as duas atividades que foram mais citadas foram: Atividades de Extensão (13,53%) e PET (10,35%).

## Transição

Com relação à transição escola-trabalho, apesar da maior parte dos egressos (41,7%) ter respondido que está sendo 'Muito difícil/Difícil' lidar com esta transição, 37,3% afirmou estar sendo 'Fácil/Muito fácil'. Para Teixeira (2002), um dos motivos para os estudantes sentirem medo diante da transição é o despreparo profissional, ressaltando a importância das universidades desenvolverem “habilidades específicas relacionadas ao ingresso no mercado de trabalho” (p. 99). Acerca disso, 51,5% afirmou que a UFBA os preparou ‘muito bem/bem’ para o MT, tendo uma visão positiva de sua formação.

Sobre o conhecimento dos seus interesse específicos na profissão, a maioria dos egressos (74,1%) apontou que já definiram o foco de sua carreira profissional.

## Inserção no Mercado de Trabalho

A Tabela 3 apresenta os resultados da questão “Avalie o quanto você acha que cada fator listado abaixo DIFICULTOU o seu ingresso no mercado de trabalho”. Dentre os fatores, não

teve nenhum muito significativo, mas os que mais dificultaram foram: ‘Falta de experiência prática’ (33,7% - Muito/Totalmente), ‘Mercado de trabalho restrito’ (31,7% - Muito/Totalmente) e ‘Necessidade de especialização’ (29,2% - Muito/Totalmente). No entanto, mesmo estes fatores, a maior parte das respostas foi de ter dificultado nada ou pouco. Sobre o ‘mercado de trabalho restrito’ e a ‘necessidade de especialização’, Melo & Borges (2007) e Gondim, Brain & Chaves (2003) apontam que, com uma redução de vagas de emprego, as pessoas estão buscando cada vez mais uma maior qualificação para obter um diferencial e mais chances de inserção profissional.

Ademais, apesar da experiência prática ter sido apontada como insuficiente, os fatores ‘falta de habilidades pessoais’ e ‘falta de conhecimento teórico’ foram apontados como um dos que menos dificultou a inserção, podendo dar indícios de que a formação oferecida focada mais na fundamentação teórica do que na prática.

<b>DIFICULDADES (escala de 1-5)</b>	<b>Maior Avaliação (%)</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Discriminação (sexo, etnia...)	<b>Nada / Pouco (93,8%)</b>	1,25	0,667
Reputação da Universidade	<b>Nada / Pouco (93,3%)</b>	1,26	0,662
Questões pessoais/familiares	<b>Nada / Pouco (83,3%)</b>	1,61	1,012
Falta de habilidades pessoais	<b>Nada / Pouco (86,3%)</b>	1,65	0,883
Pouca motivação	<b>Nada / Pouco (80%)</b>	1,71	1,074
Falta de conhecimento teórico	<b>Nada / Pouco (80%)</b>	1,84	0,890
Falta de clareza sobre meus interesses específicos na profissão	<b>Nada / Pouco (74,2%)</b>	1,92	1,057
Falta de dinheiro para iniciar a carreira	<b>Nada / Pouco (63%)</b>	2,24	1,381
Falta de conhecimento sobre alternativas de atuação	<b>Nada / Pouco (61,4%)</b> Muito/ Totalmente (18,3%)	2,28	1,180
Falta de conhecimento sobre como procurar emprego	<b>Nada / Pouco (57,2%)</b> Muito/ Totalmente (22%)	2,39	1,262
Falta de contato com pessoas da área	<b>Nada / Pouco (50,8%)</b> Muito/ Totalmente (27,4%)	2,60	1,299
Necessidade de especialização	<b>Nada / Pouco (46,4%)</b> Muito/ Totalmente (29,2%)	2,71	1,310
Mercado de trabalho restrito	<b>Nada / Pouco (48,2%)</b> Muito/ Totalmente (31,7%)	2,71	1,360
Falta de experiência prática	<b>Nada / Pouco (42,6%)</b> Muito/ Totalmente (33,7%)	2,82	1,267

Tabela 3: Fatores que dificultaram a inserção no mercado de trabalho dos egressos de 2011 da UFBA.

Já com relação à questão sobre os fatores que facilitaram a inserção no mercado de trabalho (Tabela 4), apenas quem respondeu foram os egressos que afirmaram ter uma ocupação que assegura rendimento. Através dos resultados, nota-se que cinco fatores foram bastante significativos, são eles: 'Motivação' (64,7% - Muito/Totalmente), 'Habilidades pessoais' (64,4% - Muito/Totalmente), 'Conhecimento teórico' (60,5% - Muito/Totalmente), 'Reputação da universidade' (59,3% - Muito/Totalmente) e 'Experiência prática' (47% - Muito/Totalmente). Nota-se que a experiência prática tanto foi apontada como um dos fatores que mais dificultou como um dos que mais facilitou, apontando para a importância desse fator para a efetiva inserção no mercado de trabalho, sendo um diferencial. Para Campos et al. (2008), a combinação da teoria aprendida em sala de aula com a aplicação prática prepara melhor o estudante as demandas que terão de enfrentar na realidade de sua profissão, possibilitando o mesmo de ter mais "chances pessoais de êxito na transição da escola para o trabalho" (p. 168).



<b>FACILIDADES (escala de 1-5)</b>	<b>Maior Avaliação (%)</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
Motivação	<b>Muito/ Totalmente (64,7%)</b>	3,71	1,243
Habilidades pessoais	<b>Muito/ Totalmente (64,4%)</b>	3,66	1,140
Conhecimento teórico	<b>Muito/ Totalmente (60,5%)</b>	3,56	1,157
Reputação da Universidade	Nada / Pouco (21%) <b>Muito/ Totalmente (59,3%)</b>	3,51	1,313
Experiência prática	Nada / Pouco (28,4%) <b>Muito/ Totalmente (47%)</b>	3,27	1,290
Clareza sobre meus interesses específicos na profissão	Nada / Pouco (32,6%) <b>Muito/ Totalmente (43,3%)</b>	3,11	1,308
Contato com pessoas da área	Nada / Pouco (33,9%) <b>Muito/ Totalmente (43,3%)</b>	3,09	1,380
Conhecimento sobre alternativas de atuação	<b>Nada / Pouco (38,2%)</b> Muito/ Totalmente (32,4%)	2,89	1,237
Conhecimento sobre como procurar emprego	<b>Nada / Pouco (40,6%)</b> Muito/ Totalmente (33,1%)	2,83	1,240
Mercado de trabalho amplo	<b>Nada / Pouco (49,7%)</b> Muito/ Totalmente (25,3%)	2,60	1,252
Necessidade de especialização	<b>Nada / Pouco (67,1%)</b>	2,05	1,222
Condições financeiras para iniciar a carreira	<b>Nada / Pouco (84,3%)</b>	1,54	0,978
Favorecimento em relação a sexo e etnia	<b>Nada / Pouco (88,4%)</b>	1,39	0,850

Tabela 4:Fatores que facilitaram a inserção no mercado de trabalho dos egressos de 2011 da UFBA.

Quando questionados sobre a participação em processos seletivos, a grande maioria disse que já participou de seleções (80,3%). Dentre estes, 40,5% fez parte de 0 a 2 processos seletivos e 42,5% de 2 a 5 (Figura 3).



Figura 3: Quantidade de processos seletivos que os egressos de 2011 da UFBA participaram.

Destes que fizeram algum processo seletivo, 37,9% obtiveram êxito em uma seleção e 27,9% não tiveram sucesso em nenhuma (Figura 4). Este resultado foi bastante positivo, pois podemos observar que 72,1% passaram em ao menos uma seleção de emprego.

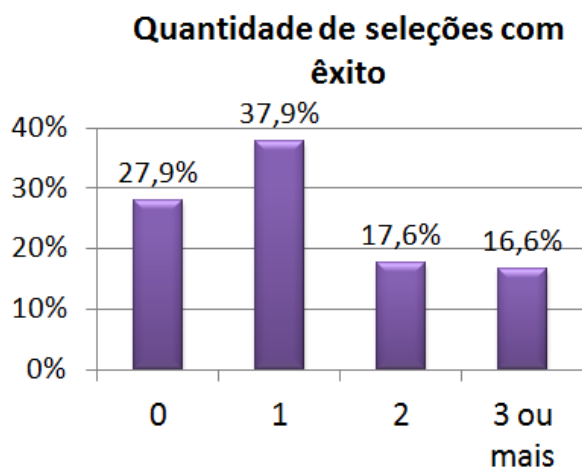


Figura 4: Quantidade de processos seletivos que os egressos de 2011 da UFBA obtiveram êxito.

Com relação à inserção no mercado de trabalho, 77,1% afirmaram possuir ocupação que assegura rendimento. Dentre estes, o trabalho de 88,1% é na área de formação, 23,7% levaram 3 meses para conseguir um emprego e 52,3% já se formaram empregados (Figura 5). Essa rápida inserção dos egressos da UFBA no mercado de trabalho é um grande indício de boa qualidade da formação recebida.

### Tempo que levou para conseguir emprego

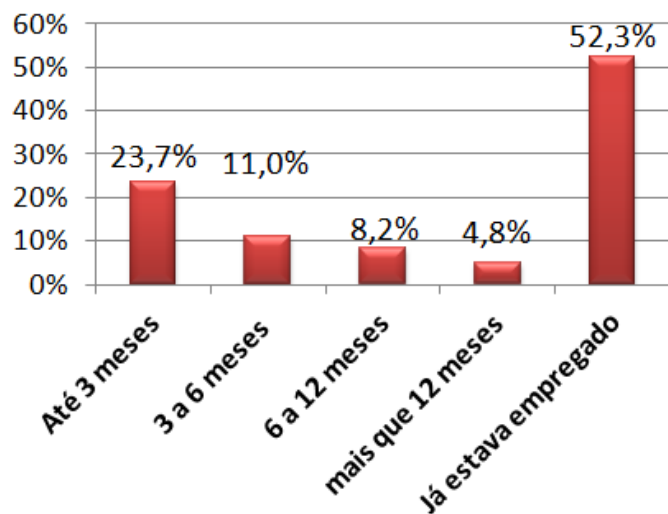


Figura 5: Tempo que os egressos de 2011 da UFBA levaram para conseguir um emprego.

Sobre o nível salarial, 38,1% dos que afirmaram ter uma ocupação relataram ter uma remuneração de 678 reais (um salário mínimo) a 2 mil reais, como pode ser observado na Figura 6.

### Salário

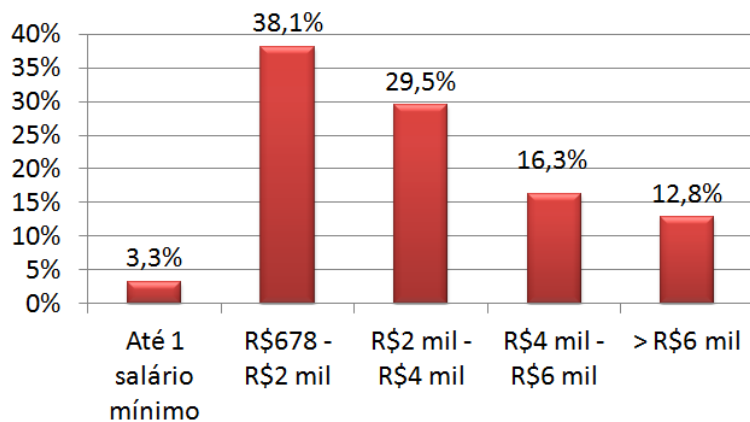


Figura 6: Nível salarial dos egressos de 2011 da UFBA.

Dos que ainda não estavam trabalhando, 36,7% afirmaram que tem poucas ou nenhuma chance de exercer a profissão em curto prazo, ou seja, em menos de 1 ano (Figura 7). Nota-se, assim, que apesar dos egressos, em geral, terem uma inserção rápida no mercado de trabalho, os que ainda não se inseriram não estão com expectativas muito boas, tendo 70,1% relatado ter de nenhuma a médias chances para exercer a profissão. Rifkin (1995, citado por Teixeira,

2002) aponta que há uma tendência generalizada de restrição das vagas existentes no mercado de trabalho, podendo produzir ansiedade nas pessoas que estão desempregadas e procurando uma oportunidade.

Ademais, é importante ressaltar que 7% relatou não pretender exercer a profissão.



Figura 7: Chances que os egressos de 2011 da UFBA acreditam ter para exercer a profissão em curto prazo (menos de 1 ano).

Na Figura 8, é possível observar a avaliação dos egressos sobre o mercado de trabalho. Em geral, eles avaliam o mercado de uma forma bastante favorável, sendo 'muito bom/bom' para 33,1% e 'razoável, mas tendendo a bom' para 29,6%. Em geral, a avaliação é bem positiva, mas é preciso salientar que deve haver diferenças significativas entre os cursos. Além disso, esta avaliação não é separada entre os egressos que estão trabalhando e os que não estão, sendo que estes últimos não devem ter uma visão tão favorável do mercado de trabalho (ver Figura 7).

## Avaliação do Mercado de Trabalho

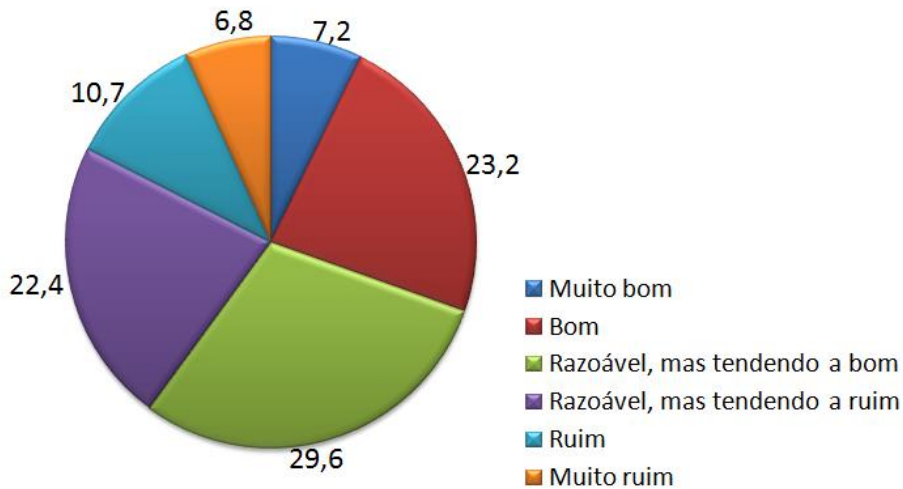


Figura 8: Avaliação dos egressos de 2011 da UFBA sobre o mercado de trabalho.

Em comparação com os colegas de turma, os egressos, em geral, se avaliam como na média em relação à progressão na carreira (53,2%), nível salarial (50%) e conhecimento específico da profissão (56%). Porém, sobre o conhecimento específico da profissão, 30,7% se avaliam como 'acima da média' (Figura 9).

## Comparação com colegas

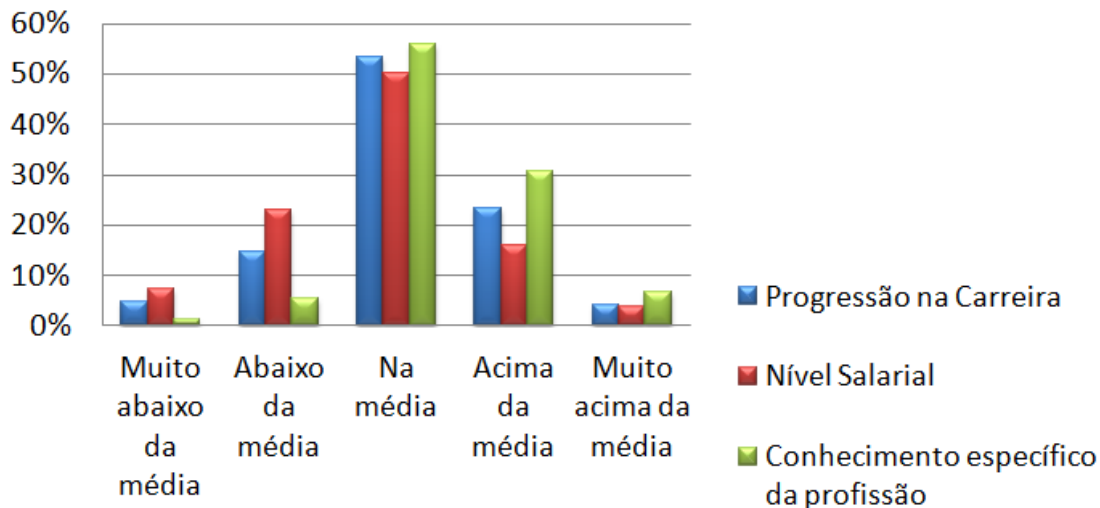


Figura 9: Comparação sobre progressão na carreira, nível salarial e conhecimento específico da profissão dos egressos de 2011 da UFBA com relação aos seus colegas de turma.

Com relação ao tempo que os egressos acreditam que vão levar para conseguir um trabalho na profissão que garanta independência econômica (Figura 10), 30,1% creem que levará de 2 a 5 anos e 27,5% afirmam que já trabalham na sua área profissional e são independentes financeiramente. Por independência econômica entende-se um rendimento mensal médio

capaz de suprir as necessidades básicas de moradia, alimentação, vestuário, saúde e lazer de uma pessoa, sem depender de mais ninguém.

### Tempo para conseguir independência financeira

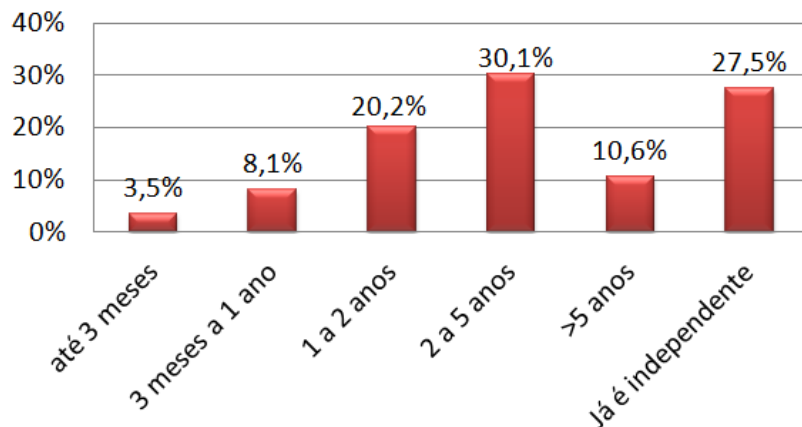


Figura 10: Comparação sobre progressão na carreira, nível salarial e conhecimento específico da profissão dos egressos de 2011 da UFBA com relação aos seus colegas.

A Tabela 5 apresenta os resultados da questão “Quais dos projetos abaixo você pretende realizar este ano?” (sendo possível marcar mais de um). Os projetos mais apontados estão dentro do esperado, são eles: ‘continuar os estudos’ (66,9%), ‘fazer concurso público na área’ (51,6%), ‘estudar língua estrangeira’ (49,7%) e ‘conseguir trabalho na área’ (47,8%).

<b>PROJETOS</b>	<b>Sim (%)</b>
Continuar os estudos	66,9
Fazer concurso público na área	51,6
Estudar língua estrangeira	49,7
Continuar trabalhando na minha profissão	47,8
Conseguir um trabalho na área	23,2
Fazer concurso público em outra área	18,9
Trabalho autônomo na área	16,6
Fazer outro curso universitário	14,6
Fazer intercâmbio	13,4
Abrir um negócio próprio	12,0
Continuar trabalhando em outra área	6,2
Conseguir um trabalho qualquer	5,7
Trabalho autônomo em outra área	4,0

Tabela 5: Projetos futuros que os egressos de 2011 da UFBA pretendem realizar no ano de 2013.

Pode-se observar na Tabela 5 que os egressos, de maneira geral, estão motivados a desenvolver trabalhos e projetos na sua área de formação. Em consonância com este dado, quando questionados sobre como se sentiam em relação à profissão escolhida, os resultados foram muito positivos: 79,1% afirmaram estar 'muito satisfeitos/satisfeitos' (Figura 11).

## Satisfação na escolha profissional

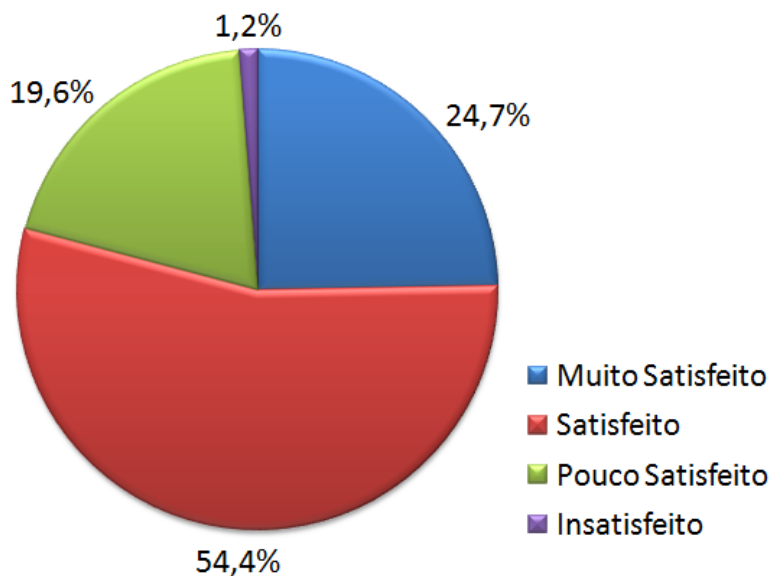


Figura 11: Satisfação dos egressos de 2011 da UFBA com relação à escolha profissional.

Em geral, a avaliação dos egressos sobre sua formação na UFBA, sua transição universidade-trabalho e sua efetiva inserção no mercado de trabalho é bastante positiva.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo com egressos e da avaliação de sua inserção profissional, a universidade disporá de um conjunto de indicadores sobre a qualidade e a efetividade da formação oferecida nos cursos de graduação (impacto social). Uma das principais dificuldades encontradas diz respeito a localização dos egressos, uma vez que, ao deixar a instituição de ensino, há uma rápida desatualização das informações de contato que eram mantidas em função dos cadastro acadêmicos. No entanto, comparado com o índice de outros estudos, o percentual de respostas obtidas (quase metade do total contactado) foi bastante satisfatório.

A pesquisa aqui apresentada apontou muitos resultados positivos com relação à avaliação da formação oferecida pela UFBA. A maioria dos egressos acredita que a universidade os preparou bem para o mercado de trabalho. A rápida inserção no mercado de trabalho foi um dado de grande relevância, sendo que muitos já se formaram empregados e mais que um quarto já se consideram independentes financeiramente. Ademais, dentro os fatores que mais facilitaram sua inserção no mercado de trabalho estão o 'conhecimento teórico', a 'experiência



prática' e a 'reputação da universidade'.

No entanto, alguns aspectos negativos da formação também foram apontados, como por exemplo a falta de experiência prática. Uma formação eficiente precisa 'sair' da sala de aula e incluir aprendizagens sobre a realidade do trabalho de cada profissão (Campos et al., 2008). Melo & Borges (2007) apontam como solução o desenvolvimento de projetos de extensão e pesquisa que se aproximem mais das necessidades do mercado. Segundo Teixeira (2002),

"apesar desse otimismo, seria importante que a formação contemplasse mais o aspecto da prática profissional e também instrumentalizasse o estudante para a transição para o mercado de trabalho" (p. 65)

Assim, o ensino das universidades não deveria se restringir ao conteúdo acadêmico e o seu acompanhamento deveria se estender até a inserção dos egressos no mercado de trabalho (Campos et al., 2008; Marcovich, 1998, citado por Ferreira, 2011; Melo & Borges, 2007; Teixeira, 2002), não apenas até a formatura.

De acordo com a percepção dos egressos, o mercado de trabalho está tendendo a bom. Porém, é preciso enfatizar que este resultado está apresentado de uma forma geral, sem separação por área. Provavelmente há significativas diferenças nesta avaliação de acordo com cada curso. Além disso, em contrapartida, um dos fatores que mais foi apontado como uma dificuldade para conseguir emprego é o 'mercado de trabalho restrito'. Dos que ainda não estavam trabalhando, mais de um terço afirmou que tem poucas ou nenhuma chance de exercer a profissão em menos de 1 ano.

Com esta pesquisa, esperamos construir e validar um instrumento específico de avaliação da trajetória dosex-alunos da UFBA, que possa ser utilizado de forma institucional, e formar um sistema permanente de acompanhamento dos egressos. Para tal, é de grande relevância a implementação de uma estratégia de coleta de dados que se aproxime dos estudantes enquanto eles estão em vias de deixar a instituição como forma de maximização dos resultados (Silveira & Carvalho, 2012).

Por fim, diante da importância e eficácia da avaliação da formação universitária a partir da inserção no mercado de trabalho, nota-se o quanto é necessário que se crie uma cultura que valorize e utilize mais esta estratégia de avaliação com egressos. No entanto, para que isso

seja possível, é preciso haver “uma mudança de mentalidade, uma nova cultura voltada para a eficiência, para a qualidade e para a relevância social dos resultados” (Lousada & Martins, 2005, p. 84).

## REFERÊNCIAS

Campos, K.C.L.; Vieira, V.F.; Camargo, A.P.; Scheguschewski, A.; Tavares, f.T.; Piovezan, M.N. & Alkschbirs, S.R. (2008) Empregabilidade e Competências: Uma análise de universitários sob a ótica de gestores de recursos humanos. *RPOT: Psicologia: Organizações e Trabalho*. 11, 159-183.

COMIN, Alvaro A; BARBOSA, Rogério Jerônimo. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. *Novos estud. - CEBRAP*, 2011, n.91, pp. 75-95.

Dazzani, V e Lordelo, J. A (2012) Importância do Estudo de Egressos na Avaliação de Programas. In Lordelo, J. A. e Dazzani, V. Estudo com Estudantes Egressos. Salvador: EDUFBA.

Ferreira, P. F. (2011) Uma análise da absorção de egressos da Universidade Federal de Sergipe no mercado de trabalho sergipano no período de 2004-2009. Dissertação de mestrado. *Universidade Federal de Sergipe - Programa de Pós-Graduação em Economia*. São Cristóvão, Sergipe.

Gondim, S.M., Brain, F., Chaves, M. (2003) Perfil profissional, formação escolar e mercado de trabalho segundo a perspectiva de profissionais de recursos humanos. *RPOT: Psicologia: Organizações e Trabalho*, 3, 119-151.

Gouveia, B. M. (2011) Empregabilidade e auto-eficácia na transição para o trabalho em alunos finalistas de cursos profissionais. Dissertação de mestrado. *Universidade de Lisboa - Mestrado Integrado em Psicologia: Secção de Psicologia da Educação e da Orientação*. Lisboa, Portugal.

LOUSADA, Ana Cristina Zenha; MARTINS, Gilberto de Andadre. Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de Ciências Contábeis. **Rev. contab. finanç.**, São Paulo, v. 16, n. 37, abr. 2005, pp 73-84.

Machado, G. R. (2010) Perfil de Egressos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. UFRGS.

Melo, S.L. & Borges, L.O. (2007) A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27 (3), 376-395.

Murphy, K.A. Blustein, D.L., Bohlig, A.J., Platt, M.G. (2010) The college-to-career transition: An exploration of emerging adulthood. *Journal of Counseling & Development*, 88, 174-181.

Teixeira, M.A.P. (2002) A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Vieira, D.A. & Coimbra, J.L. (2006b) Sucesso na transição escola-trabalho: A percepção de finalistas do ensino superior português. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7 (1), 1 – 10.

### **CASO UTILIZE ALGUMA REFERÊNCIA ABAIXO, FORMATAR E ACRESCENTAR:**

“Do ensino superior para o trabalho: Contributo dos estágios para inserção profissional”  
(Vieira et al, 2011)

Ourique, L.R. (2010) Auto-Eficácia e personalidade no planejamento de carreira de universitários. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Teixeira, M.A.P. & Gomes, W. (2004) Estou me formando... E agora? Reflexões e Perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 47-52.

Teixeira, M.A.P. & Gomes, W. (2005) Decisão de carreira entre estudantes de fim de curso universitário. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 327-334.

Almeida, L.S. & Soares, A.P. (2004) Os estudantes universitários: Sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In Mercuri, E. & Polydoro, S.A.J. (orgs.) *Estudante universitário: Características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral.

Campos, K.C.L.; Vieira, V.F.; Camargo, A.P.; Scheguschewski, A.; Tavares, f.T.; Piovezan, M.N. & Alkschbirs, S.R. (2008) Empregabilidade e Competências: Uma análise de universitários sob a ótica de gestores de recursos humanos. *RPOT: Psicologia: Organizações e Trabalho*. 11, 159-183.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572008000200009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572008000200009&script=sci_arttext)

Fior, C.A. & Mercuri, E. (2004) Formação universitária: O impacto das atividades não obrigatórias. In Mercuri, E. & Polydoro, S.A.J. (orgs.) *Estudantes universitários: Características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral, 129-153.

Gondim, S.M., Brain, F., Chaves, M. (2003) Perfil profissional, formação escolar e mercado de trabalho segundo a perspectiva de profissionais de recursos humanos. *RPOT: Psicologia: Organizações e Trabalho*, 3, 119-151.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572003000200006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572003000200006&script=sci_arttext)

Lent, R.W.; Brown, S.D. & Hackett, G. (1999) A social cognitive view of school-to-work transition. *The Career Development Quarterly*, 47, 297-311.

<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/j.2161-0045.1999.tb00739.x/pdf>

Melo, S.L. & Borges, L.O. (2007) A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27 (3), 376-395.

<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n3/v27n3a02.pdf>

Morgado, R. (2001) Formação universitária e empregabilidade. In Soares, A.P.; Osório, A.; Viriato, L.; Almeida, L.S.; Vasconcelos, R.M. & Caíres, S.M. (orgs.) *Da Universidade para o Mundo do Trabalho*, Braga: Universidade de Minho, 69-85.

Pachame, G.G. (2004) A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In Mercuri, E. & Polydoro, S.A.J. (orgs.) *Estudantes universitários: Características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral, 155-185.

Rodriguez-Moreno, M.L. & Torrado-Fonseca, M. (2001) El proyecto profesional: Una estrategia para facilitar la transición de los universitarios al mundo del trabajo. In Soares, A.P.; Osório, A.; Viriato, L.; Almeida, L.S.; Vasconcelos, R.M. & Caíres, S.M. (orgs.) *Da Universidade para o Mundo do Trabalho*, Braga: Universidade de Minho, 42-67.

Savickas, M.L. (1997) Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly*, 45, 247-259.

<http://www.choixdecariere.com/pdf/5873/Savickas-1997.pdf>

Teixeira, M.A.P. (2002) A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4007/000346602.pdf?sequence=1>